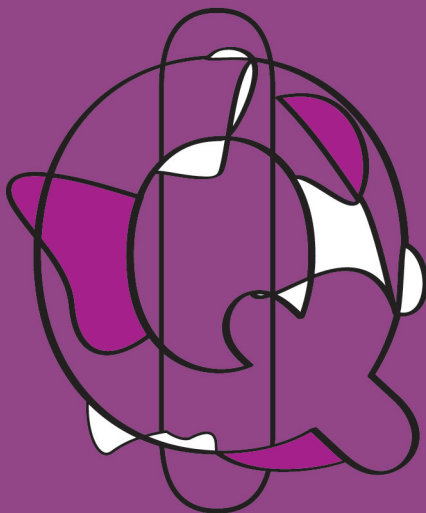


SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO

Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana



**A DIMENSÃO DO CUIDADO
NA EDUCAÇÃO DE BEBÊS E CRIANÇAS**

VERSÃO PRELIMINAR

VOLUME 8



PREFEITO DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Ricardo Nunes

SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO

Fernando Padula

SECRETÁRIA EXECUTIVA PEDAGÓGICA

Maria Sílvia Bacila

SECRETÁRIO ADJUNTO DE EDUCAÇÃO

Bruno Lopes Correia

CHEFE DE GABINETE

Ronaldo Tenório

**CHEFE DA ASSESSORIA DE ARTICULAÇÃO
DAS DIRETORIAS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO - DREs**

Sueli Mondini

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO

Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana



A DIMENSÃO DO CUIDADO NA EDUCAÇÃO DE BEBÊS E CRIANÇAS

VOLUME 8

VERSÃO PRELIMINAR

São Paulo, 2025

COORDENADORIA PEDAGÓGICA - COPED

Simone Aparecida Machado - *coordenadora*

DIVISÃO DE EDUCAÇÃO INFANTIL - DIEI

Mariana Silva Lima - *diretora*

EQUIPE TÉCNICA E ADMINISTRATIVA

Ana Barbara dos Santos
Anna Maria de Feo Vieira
Camila de Vila Nova Gonçalves
Katia Regina Cavalcanti
Maria Noemia Ferreira Figueiredo
Matilde Aparecida da Silva Franco Campanha
Talita Alves Silva
Tathiana Augusta Rodrigues Lourenço Martinez
Thais Cristina Saldanha dos Santos

Estagiários(as)

Ana Beatriz Pires de Assis
Giuliano Pinheiro Massimo
Guilherme Pereira do Nascimento Melo
Heloísa Castelli Celeste
Maria Eduarda Oliveira Flores

ELABORAÇÃO E ACOMPANHAMENTO

Bruna Ribeiro
Priscila Aparecida Santos de Oliveira
Juliana Manso Presto
Tathiana Augusta Rodrigues Lourenço Martinez
Thiago Pacheco

GRUPO DE TRABALHO

LEITURA CRÍTICA

Bruna Galluccio Ferreira
Cristiane Aparecida Domingos de Oliveira
Fabiana Lopes Laurito
Lilith Neiman
Mariana Cuisse Lopes Suller
Monica da Silva Valadão
Priscila Aparecida Santos de Oliveira
Sandra Nogueira Viana

Olá, educadoras(es)!

O volume 8, **A Dimensão do Cuidado na Educação de Bebês e Crianças**, é parte integrante da *Coleção Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana - Box Comemorativo 10 anos*, que visa socializar um material de qualidade com vistas à formação continuada das e dos profissionais em relação à temática.

Este volume tem por objetivo discorrer sobre como podemos ampliar a discussão da dimensão 7 (Promoção da saúde e bem-estar: experiências de ser cuidado, cuidar de si, do outro e do mundo), presente no documento Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana, tanto no dia da autoavaliação, como no cotidiano, de forma a assumir a dimensão do cuidado como algo inerente e indissociável ao ato de educar bebês e crianças em espaços coletivos educacionais.

Além disso, no decorrer deste, volume você encontrará sugestões de exercícios reflexivos a serem realizados coletivamente e, ainda, poderá usufruir de uma curadoria de materiais textuais e audiovisuais para estudos complementares.

Convidamos você a explorar esse material e mergulhar nessa temática tão essencial para a garantia dos direitos dos bebês e das crianças.

Secretaria Municipal de Educação de São Paulo

Bruna Ribeiro discute, no vídeo, a importância do cuidado na educação infantil, enfatizando que o cuidado vai além da saúde física, abrangendo aspectos emocionais e sociais. Ela defende a integração do cuidado nas práticas educacionais, promovendo uma abordagem mais atenta e respeitosa, essencial para o pleno desenvolvimento das crianças.



Composição do Box

Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana

Avaliação da qualidade
na Educação Infantil

1

Fins e princípios
da autoavaliação

2

Aspectos metodológicos
da autoavaliação

3

O papel do
plano de ação

4

O fortalecimento
da gestão democrática

5



6

A escuta e a participação
de bebês e crianças em
autoavaliações

7

Relações étnico-raciais
e de gênero

8

A dimensão do cuidado
na educação de bebês
e crianças

9

O desemparedamento
de bebês e crianças e o brincar
na e com a natureza

10

Porque a história
tem que continuar...

Temas abordados

1 Avaliação da qualidade na Educação Infantil

- O que significa avaliar
- Avaliação informal e formal
- O que significa avaliar a qualidade
- Quais os tipos de avaliação na Educação Infantil
- Critérios de qualidade

2 Fins e princípios da autoavaliação

- O que é uma avaliação institucional participativa
- Princípios da autoavaliação institucional participativa
- Antecedentes do documento paulistano
- Linha do tempo histórica: 10 anos de construção de uma cultura da autoavaliação participativa
- As dimensões de qualidade almejadas para a(s) infância(s) paulistana(s)

3 Aspectos metodológicos da autoavaliação

- A construção da qualidade em participação
- Proposta metodológica
- A metodologia do uso das cores
- A participação de familiares/responsáveis
- O fortalecimento de uma cultura da autoavaliação institucional participativa

4 O papel do plano de ação

- Avaliei, e agora?
- A autoavaliação e sua capacidade de produzir evidências do cotidiano
- O plano de ação e sua capacidade de produzir consequências para o cotidiano
- Consequências da autoavaliação para as políticas públicas
- Consequências da autoavaliação para as Unidades Educacionais

5 O fortalecimento da gestão democrática

- A construção da qualidade por meio da gestão democrática
- A autoavaliação e o fortalecimento da gestão democrática
- A autoavaliação e a produção de insumos para a construção do PPP
- Gestão democrática na prática: relatos de experiência
- Gestão democrática e Indicadores todos os dias

6

A escuta e a participação de bebês e crianças em autoavaliações

- A participação dos bebês e das crianças como princípio inerente à qualidade na/da Educação Infantil
- Participação, escuta e autoria de bebês e crianças: afinal, do que estamos falando?
- A escuta de bebês e crianças em avaliações
- Desafios ético-metodológicos na escuta de bebês e crianças em autoavaliações
- Construindo a participação cotidiana e permanente de bebês e crianças

7

Relações étnico-raciais e de gênero

- Educação étnico-racial, não xenofóbica para a equidade de gênero e o compromisso social da escola pública
- Educação antirracista e equidade de gênero perpassando todas as dimensões
- A dimensão 5 como dispositivo de luta em direção às práticas antirracistas e não sexistas
- Educação antirracista de janeiro a janeiro
- O fortalecimento do planejamento e da intencionalidade docente

8

A dimensão do cuidado na educação de bebês e crianças

- Cuidado: a essência do ser humano
- A ética do cuidado
- A dimensão do cuidado na Educação Infantil
- A dimensão do cuidado nos Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana
- A dimensão cotidiana do cuidado na educação de bebês e crianças: relatos de experiência

9

O desemparelamento de bebês e crianças e o brincar na e com a natureza

- Um mundo em colapso: o que a Educação Infantil tem a ver com isso?
- A natureza como local de (re)encontro conosco
- Desemparelar é preciso para retomada da importância do corpo e da experiência na aprendizagem
- Brincadeiras arriscadas e perigosas: a necessária distinção
- Materialidades e suas potencialidades

10

Porque a história tem que continuar...

- O leito de Procusto e os perigos das avaliações de tamanho único
- Superando o discurso da “qualidade de antigamente”
- Construindo a qualidade social na Educação Infantil

As 9 Dimensões de Qualidade da Educação Infantil Paulista

Dimensão 1 – Planejamento e gestão educacional.

Dimensão 2 – Participação, escuta e autoria de bebês e crianças.

Dimensão 3 – Multiplicidade de experiências e linguagens em contextos lúdicos para as infâncias.

Dimensão 4 – Interações.

Dimensão 5 – Relações étnico-raciais e de gênero.

Dimensão 6 – Ambientes educativos: tempos, espaços e materiais.

Dimensão 7 – Promoção da saúde e bem-estar: experiências de ser cuidado, cuidar de si, do outro e do mundo.

Dimensão 8 – Formação e condições de trabalho das educadoras e dos educadores.

Dimensão 9 – Rede de proteção sociocultural: Unidade Educacional família, comunidade e cidade.

Sumário

Cuidado como revolução molecular	11
Cuidado: uma necessidade para manutenção da vida	16
A dimensão do cuidado nos Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana	21
A dimensão cotidiana do cuidado na educação de bebês e crianças: relatos de experiência.....	25
Para saber mais	43
Referências	45
Anexo	47



Desenho de Eloah Catharina, 5 anos.

“Brincar é cuidar”.

(Eloah Catharina, 5 anos)

Escuta e coleta realizada pela professora Marcia C. Marçal.

Cuidado como revolução molecular

Se quiseres um cotidiano melhor,
será preciso inventá-lo.

(Tiriba, 2018, p.183)

Você já se perguntou o que significa cuidar? O que é cuidado para você? E para seus familiares? E para os(as) profissionais de sua Unidade Educacional? Todos têm a mesma visão de cuidado? E será que é importante que tenham o mesmo olhar, ou cuidado é algo subjetivo, que varia de cultura para cultura, de contexto familiar, de pessoa para pessoa?

E por que será que historicamente o cuidar foi sendo associado a desprestígio e algo de menor valor? O que esse olhar enviado repercute até hoje em nossas práticas educacionais com bebês e crianças em espaços coletivos educacionais?

As perguntas são amplas e complexas, mas vamos buscar aqui lançar um olhar panorâmico sobre elas em busca de elementos que nos auxiliem a (re)pensar o cotidiano de bebês e crianças em espaços coletivos.

Cuidado: a essência do ser humano

O cuidado entendido como uma prática histórico-cultural pode variar de uma época para outra, de um contexto para outro e de acordo com o que se toma como referência. No entanto, será que existe algo em comum em relação a todos os seres quando o assunto é cuidado?

Antes de prosseguir com a leitura, convidamos você e o coletivo de sua Unidade Educacional a assistirem ao pequeno vídeo, indicado a seguir, que narra “A fábula de Higino”, também conhecida como a fábula-mito do cuidado essencial.

A fábula-mito greco-romana de Higino (ver anexo) evidencia que foi “o Cuidado quem primeiro moldou o ser humano”. Cuidado nesta perspectiva é algo tão vital que veio antes mesmo do ser humano, está na origem da existência humana, ou seja, sem cuidado não existiríamos.

Ainda segundo o mito de Higino, “somos uma criatura de cuidado enquanto vivermos”, o que significa que o cuidado não pode ser suprimido, nem descartado ou mesmo ficar em segundo plano em nossas vidas, pois ele é fundamental para nosso bem-estar e pleno desenvolvimento físico, emocional, afetivo, cognitivo e social.

Boff (2017), ao analisar o mito, afirma que sem o cuidado continuamos sendo apenas uma porção de argila, ou seja, o cuidado nos traz à existência humana, nos humaniza.

O que significa que cuidado além de ser **uma necessidade humana** (na verdade de todos os seres, mas depois falaremos mais disso) também **é a essência humana**.

O exemplo a seguir, relatado pelo frade e cronista italiano Salimbene di Adam (1221-1290) narra a história de uma suposta

Ampliando Repertório

Vídeo: Fábula-Mito de Cuidado

Duração: 1min30s. Fonte: Instituto Ecofuturo

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hxFrwMeQNYU>.

experiência conduzida por Frederico II, imperador romano e rei da Sicília no século XII, que ilustra o que estamos discutindo neste item.

Segundo o relato, Frederico sequestrou uma série de recém-nascidos e ordenou que as amas de leite apenas os alimentassem e higienizassem, mas não poderiam em hipótese alguma falar ou manter qualquer outro tipo de interação com os bebês. Com a experiência, ele almejava “descobrir a língua original”. Eis a questão que o imperador queria investigar: que língua os bebês fariam se não ouvissem ninguém?

Nem é preciso mencionar o quão condenável e desumana é a experiência, mas vale refletir sobre quais foram os resultados do experimento.

Converse e reflita com seu coletivo sobre quais os possíveis resultados, antes de ler o item a seguir.

Se você e seu coletivo disseram que os bebês jamais aprenderam a falar, que se comunicavam apenas via comunicação corporal, ou ainda, por meio de balbucios... saiba que ninguém acertou!

Segundo se conta, todos os bebês do experimento morreram!!!

E por que isso aconteceu?

Talvez possamos encontrar algumas pistas sobre o que aconteceu ao compreender a dimensão do cuidado para os seres humanos (e os seres em geral).

Podemos afirmar, juntamente com Heidegger (1989)¹, que cuidado é um **fenômeno ontológico existencial básico**, o que significa dizer que é a base possibilitadora da existência humana enquanto humana (Boff, 2017).

Podemos receber o alimento que nutre o corpo físico, a higiene... mas só nos nutrimos disso? Como seres sociais que

1 HEIDEGGER, M. Ser e tempo, parte I. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1989. p. 243-300. O sexto capítulo da presente obra é dedicado à cura-cuidado (parágrafos 39-44).

somos, precisamos ser vistos, do vínculo, do afeto, do olho no olho... Precisamos que, junto com a mão que coloca o remédio, venha o toque dizendo “vou fazer um carinho, dar um beijinho para passar...”.

As relações nos nutrem, mas para isso elas precisam ser de qualidade. Precisam ser respeitadas, situando o outro como sujeito que ele é, não o tratando como objeto.

E tratamos os bebês e crianças com respeito e cuidado quando respeitamos seus tempos, necessidades, limites, corpos (não tratando esse corpo como um espaço público onde todos podem tocar sem ao menos informar aos bebês o que será feito), quando os escutam, escutam seus familiares/responsáveis, entre muitos outros aspectos.

De acordo com Boff (2017), sem o cuidado deixamos de ser humanos, pois, sem receber o cuidado desde o nascimento até a morte, o ser desestrutura-se, define-se, perde sentido e morre.

Podemos não morrer fisicamente como na experiência relatada por Salimbene, mas algo em nós morre... porque a falta de cuidado nos desumaniza, cria um mundo de apatia e indiferença.

O mundo atual vive uma **crise em relação ao cuidado**. Há muito deixamos de cuidar de nós, do outro, da natureza, do mundo e colhemos agora os drásticos efeitos dessa lógica perversa.

Ampliando Repertório

Texto A mão da educadora

Autora: Anna Tardos. Disponível em: <https://www.uniepre.com.br/blog/documentos/livro-a-mao-da-educadora.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2024.

O impacto dos seres humanos no planeta Terra foi tão intenso e desastroso que está sendo denominado por uma nova era geológica conhecida como **antropoceno**².

Nesse contexto, Boff (2017) propõe uma nova ética, a partir de uma nova ótica, que passa necessariamente pela oposição ao descuido, ao descaso, a apatia e ao abandono. E para o autor, a dimensão que tem força para se opor a tudo isso é a **dimensão do cuidado**.

Cuidar nessa perspectiva é mais que um ato: é uma atitude que abrange mais que um momento de atenção, zelo e desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento com o outro (e aqui se inclui todos os seres: humanos e não humanos). No entanto, também é mais que uma atitude, é um **modo-de-ser e uma forma de estar no mundo**, em que o cuidado se encontra em toda atitude e situação (Boff, 2017).

O **cuidado como um modo-de-ser essencial do humano** nos coloca em busca de uma forma mais “suave de pisar a terra” (2022)³ e de uma convivência mais respeitosa com todos os seres.

Assim, podemos dizer que **o ser humano é um ser de cuidado**, cuja **essência se encontra no cuidado**. Colocar cuidado em tudo o que projeta e faz, eis a característica singular do ser humano, defendida por Boff (2017) e que precisa ser assumida como indissociável do ofício profissional de quem atua com as infâncias.

2 O termo “antropoceno” foi popularizado em 2000 pelo químico holandês Paul Crutzen, vencedor do Prêmio Nobel de Química em 1995, para designar uma nova época geológica caracterizada pelo impacto do homem na Terra. Fonte: <https://www.iberdrola.com/sustentabilidade/o-que-e-antropoceno#:~:text=O%20conceito%20%22antropoceno%22%20%E2%80%94%20do,impacto%20do%20homem%20na%20Terra>.

3 Referência ao documentário “Pisar suavemente na Terra” (2022), de Marcos Colón com narração de Ailton Krenak e outras importantes lideranças indígenas.

Cuidado: uma necessidade para manutenção da vida

O cuidado precisa ser entendido e vivenciado a partir de uma perspectiva ecológica (Bronfenbrenner, 1996) e que reconhece a interdependência entre todos os seres, compreendendo o mundo como uma teia de relações em que todos os entes (humanos e não humanos) estão enredados.

“Pelo cuidado não vemos a natureza e tudo que nela existe como objetos [...] a relação é sujeito-sujeito” (Boff, 2017, p. 72), nos compreendemos como parte da natureza, nos colocamos em posição de escutar o que ela nos fala e evoca. Sobre o antropocentrismo humano que coloca o homem como centro do universo, Krenak nos provoca a pensar o cuidado em uma perspectiva de cooperação e não de dominação:

Nós achamos que somos o gerente do mundo. Estamos desprezando as vidas nos outros corpos (como florestas, rios e montanhas) e elegendo nossos corpos como lugar privilegiado da vida. Nós (povos originários) achamos que a vida é mais do que nós, essas pessoas que falam. A vida está passando através de nós e em todos os lugares (Krenak, 2020)⁴.

Assim, podemos concluir, juntamente com Boff (2017, p. 67) que assumirmos o cuidado essencial é uma urgência humanitária e planetária, afinal: “nós não temos apenas cuidado. Nós somos cuidado”.

4 Entrevista disponível em: <https://observapics.fiocruz.br/produtos/podpics/ailton-krenak-e-madel-luz-debatem-realacao-do-homem-com-a-natureza/>. Acesso em: 25 out. 2023.

A dimensão do cuidado na Educação Infantil

Montenegro (2001; 2005), em pesquisa sobre a função do cuidar na Educação Infantil, identificou imprecisões e falta de consenso em torno desta palavra, que, juntamente com o educar, caracterizam um dos grandes objetivos da Educação Infantil de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil/DCNEIs (Brasil, 2010). Segundo a autora, a palavra cuidar é de origem latina e, mais frequentemente, é associada ao verbo *cogitare* (pensar), embora também se encontre referência que relacione a origem da palavra cuidar com a palavra latina *curare* (curar).

Tiriba (2018, p. 171), se apoiando neste mesmo estudo para suas reflexões, enfatiza que, etimologicamente, cuidar e pensar vêm de *cogitare* (pensar), ambas têm a mesma raiz, sendo que, antes do século XIII, *cogitare* e *cuidare* teriam o mesmo significado, “referindo-se tanto à inteligência quanto à vontade, tanto ao pensar quanto ao sentir”. No entanto, com o passar do tempo, a palavra cogitar foi sendo substituída por pensar, e a palavra cuidar foi sendo relacionada a aspectos mais emocionais.

Isso fez com que a palavra passasse a ocupar um lugar cada vez menos prestigiado por não estar relacionada à razão e também por estar relacionada a trabalhos exercidos por mulheres e situados historicamente como inferiores por não terem valor na sociedade de mercado.

No âmbito da Educação Infantil, esse imaginário do cuidar como algo menor foi reforçado pelo histórico de as creches estarem vinculadas à Assistência Social e, como enfatiza Tiriba (2018), aos cuidados com o corpo. Somente a partir de meados da década de 1980 é que o uso da expressão “guarda”, utilizada para se referir às atividades

assistenciais desenvolvidas pelas creches, passou a ser substituída por “cuidado” e “cuidar” (Montenegro, 2001; Tiriba, 2018).

No entanto, somente nos anos 1990, a partir do movimento de incorporação das creches e pré-escolas aos sistemas de ensino como primeira etapa da Educação Básica é que se passou a compreender a Educação Infantil na perspectiva do binômio cuidar/educar. Esta compreensão está ratificada em documentos nacionais, como as DCNEIs (Brasil, 2010), a Base Nacional Comum Curricular/BNCC (Brasil, [2008]) e nos documentos orientadores da Cidade de São Paulo, como: Currículo da Cidade: Educação Infantil (São Paulo, 2019), Currículo Integrador da Infância Paulistana (São Paulo, 2015), Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana (São Paulo, 2016), Padrões Básicos de Qualidade na Educação Infantil Paulistana (São Paulo, 2015), Orientação Normativa nº 01/13 (São Paulo, 2014), Revista Magistério: das Creches aos CEIs - Ed. Especial (São Paulo, 2017), Revista Magistério: 80 anos da Educação Infantil - Ed. Especial (São Paulo, 2015), Revista Magistério: CECI 15 anos (São Paulo, 2019).

Apesar do reconhecimento legal do cuidado como algo indissociável do processo educativo e da existência de importantes estudos e publicações que colaboraram para a superação da dicotomia cuidar e educar, como as pesquisas de Barreto (1994); Campos (1994a; 1994b, 1996); Campos e Rosemberg (1995); Haddad (1997); Kuhlmann Jr. (1991, 1998); Kramer (1982, 1994); Tiriba (1992), entre muitos outros estudos relevantes para o campo da Educação Infantil, ainda temos muito o que caminhar no sentido de assumir a centralidade dos cuidados nos processos educativos.

É preciso compreendermos, conforme explicita o Currículo Integrador da Infância Paulistana (São Paulo, 2015), que toda

ação de cuidado traduz, em sua essência, uma ação educativa. Educamos enquanto cuidamos. Estas duas ações estão tão profundamente imbricadas que Tiriba (2005) nos provoca, interrogando: “educar e cuidar ou, simplesmente, educar?”

Por exemplo, quando pensamos em cuidado como algo próprio ao atendimento das necessidades de bebês e crianças de 0 a 3 anos, restrito aos CEIs, seguimos perpetuando sua dissociação de uma concepção de educação integral. Nesse sentido, os Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana oferecem subsídios para refletirmos sobre o lugar do cuidado nas práticas cotidianas com crianças de todas as idades.

Nessa perspectiva, é preciso nos atentarmos para evitarmos um planejamento institucional e do cotidiano que reforce essa cisão entre cuidar e educar, entre corpo e mente, entre razão e emoção, pois “cuidar e educar significa [...] compreender que o direito à educação parte do princípio da formação da pessoa em sua essência humana e integralidade” (São Paulo, 2015, p. 25).

Por isso, quando falamos de cuidado, é preciso considerar, conforme apontam os Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana (São Paulo, 2016), que ele não se restringe apenas à saúde física e a cuidados higienistas, é preciso considerar o cuidado em seu sentido profundo e que olha para o ser em toda sua inteireza e complexidade, contemplando experiências de ser cuidado, cuidar de si, do outro e do mundo.

Assim, é preciso ampliarmos nosso olhar em relação ao cuidado, compreendendo que:

- Cuidamos dos bebês e das crianças quando os acolhemos.
- Cuidamos quando os observamos.
- Cuidamos quando os escutamos.

- Cuidamos quando escutamos familiares/responsáveis e comunidade.
- Cuidamos quando prestamos atenção e acolhemos suas diferentes necessidades.
- Cuidamos quando propiciamos que se expressem por meio de suas múltiplas linguagens.
- Cuidamos quando os tratamos de forma ética, respeitosa, acolhedora e sem julgamentos.
- Cuidamos quando os encorajamos e apoiamos.
- Cuidamos quando confiamos em suas capacidades e potencialidades.
- Cuidamos quando aceitamos rever nosso planejamento para alinhá-lo às necessidades do grupo e dos indivíduos.
- Cuidamos quando ensinamos a cuidar do planeta e de todos os seres de forma ética e responsável.
- Cuidamos quando somos, nós mesmos, exemplos éticos e democráticos.
- Cuidamos quando estamos inteiros(as), presentes e disponíveis ao encontro.

Embora muitos outros elementos possam ser incorporados a essa pequena lista (e isso é um exercício interessante de se fazer coletivamente), já podemos com essa mostra perceber que são muitas e variadas as formas de cuidar no dia a dia das Unidades de Educação Infantil. No entanto, é possível perceber também pelos itens elencados que o cuidado coloca um desafio para as propostas ainda calcadas nas abordagens transmissivas (Ribeiro, 2022;

2023) que a todos trata como uma massa única, pois o cuidado exige particularismo, conforme evidencia Tiriba (2018, p. 178)⁵:

[...] cuidar coloca um desafio para a lógica moral contemporânea porque não está assentado sobre condutas universais, não há uma maneira ou uma quantidade de cuidados que sirva a todos indistintamente. **O cuidado exige particularismo porque as pessoas são singulares** (grifo nosso).

Assim, não há uma maneira de cuidar que sirva a todos indistintamente, é preciso escutar, conhecer, se conectar com o outro para poder cuidar. Nesse sentido, **a escuta é um gesto de cuidado por excelência** (o tema da escuta será mais bem abordado em outro volume).

A dimensão do cuidado nos Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana

Com base no discutido até aqui, já temos condição de lançar um novo olhar para a Dimensão 7 (Promoção da saúde e bem-estar: experiências de ser cuidado, cuidar de si, do outro e do mundo) do documento *Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana* (São Paulo, 2016), de forma a ampliar a discussão proposta para essa temática, tanto no momento da autoavaliação como no decorrer do ano letivo, com vistas a incorporar a dimensão do cuidado essencial em todas as ações e práticas cotidianas realizadas com bebês e crianças.

Há uma dimensão política fundamental no ato de compartilhar cuidados de bebês e crianças, sobretudo quando pensamos no impacto deste compartilhamento na vida das mulheres. Não à

5 As considerações de Tiriba (2018) são feitas com base em seus estudos de Tronto (1997).

toa, o direito à creche foi historicamente pautado pelo movimento feminista brasileiro. Como aponta Fúlvia Rosemberg, “a educação e o cuidado com as crianças pequenas, juntamente com o cuidado dos(as) adultos(as) mais velhos, talvez seja uma das últimas funções que se desprende – parcial, gradativa e ambigualmente – do espaço doméstico e da exclusiva responsabilidade familiar” (2015, p. 165).

Isso significa que, quando pensamos no trabalho de cuidado dentro das Unidades de Educação Infantil, vislumbramos a construção de uma sociedade que compreende que essa não é uma tarefa exclusiva de mulheres dentro do contexto familiar. Fortalecemos, portanto, o laço social diante da responsabilidade com as novas gerações. Fúlvia Rosemberg, intelectual referência para tantas questões que perpassam a vida de bebês e crianças brasileiras, nos lembra que uma cidade que vincula os cuidados especificamente às mulheres e familiares é uma cidade hostil para bebês e crianças, uma vez que não compreende a educação e cuidado da nova geração como parte de um “projeto político da cidade, de um projeto de direitos humanos à cidade” (Rosemberg, 2015, p. 212). É disso que se trata a Dimensão 9, ao propor um papel fundamental da Educação Infantil na promoção da visibilidade das infâncias na cidade, e isso se dá também a partir do momento em que compartilhamos a tarefa de cuidar.

Assim, esperamos que possamos caminhar no sentido do **cuidado ser assumido como um fundamento de uma revolução molecular (Guatarri, 1990)** nas Unidades de Educação Infantil (e quem sabe, no mundo), ou seja, que o cuidado se expresse em pequenos e fundamentais gestos, ações e escolhas diárias.

Essas pequenas revoluções cotidianas têm potencial para fundar o que Boff (2005; 2017) chamou de um **novo** ethos. O autor recorre ao sentido original da palavra na filosofia grega para explicar que *ethos* pode ser entendido como “a forma como organizamos nossa casa, o mundo que habitamos com os seres humanos e com a natureza” (Boff, 2005, p. 29).

Assim, diante da crise civilizatória em que nos encontramos, podemos almejar um novo *ethos*, fundamentado no cuidado essencial, que abarque todos os seres e entes que convivem nesta grande casa comum chamada Terra.

A necessária rede de proteção da garantia dos cuidados aos bebês e as crianças⁶

A dimensão 9 nos apresenta importantes elementos para o necessário fortalecimento da rede de apoio e proteção sociocultural às infâncias, para garantir e viabilizar o acesso e continuidade aos direitos de proteção, cuidado e acompanhamento dos bebês e das crianças.

Vale ressaltar que estamos falando do trabalho da Unidade Educacional em parceria com os equipamentos que compõem os territórios para a rede de proteção, articulando continuamente as ações e esforços, conforme os dados que foram coletados no questionário que as(os) profissionais da infância apontaram.

Entre os equipamentos, temos, entre outros, a Secretaria Municipal de Saúde – SMS, com os serviços da Unidade Básica de Saúde – UBS, Centro de Atenção Psicossocial – CAPS, Centro de Atenção Psicossocial Infantil – CAPSI; a Secretaria Municipal de Assistência

6 Texto de autoria do GT Leitoras Críticas.

e Desenvolvimento Social – SMADS, com o Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, Conselho Tutelar – CT, Centro para Crianças e Adolescentes – CCA; a Secretaria Municipal de Cultura – SMC, a partir das Bibliotecas e Casas de Cultura; a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania – SMDHC, com os equipamentos do Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes – CRAI e do Centro de Referência de Promoção da Igualdade Racial – CRPIR.

Temos como potente parceria os Núcleos de Apoio e Acompanhamento para a Aprendizagem – NAAPAs, para os que estão expostos a situações de violência e vulnerabilidade; e o Centro de Formação e Acompanhamento à Inclusão – CEFAI, para organização do atendimento educacional especializado para crianças com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação que compõem as DIPEDs; há ainda a parceria com a Divisão dos Centros Educacionais Unificados e da Educação Integral – DICEUs, que apoiam e acompanham as atividades oferecidas nos CEUs para a promoção de ações de esporte, lazer e cultura.

É importante termos em vista a possibilidade de parceria com os diversos serviços que compõem a rede de proteção social às infâncias (como Unidade Básica de Saúde – UBS, Centro de Atenção Psicossocial – CAPS, Centro de Atenção Psicossocial Infantil – CAPS I, Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, Conselhos Tutelares, entre outros) para garantir e viabilizar o acesso aos direitos de proteção, cuidado e acompanhamento dos bebês e das crianças.

Referência

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Conhecer para proteger: enfrentando a violência contra bebês, crianças e adolescentes. São Paulo: SME/COPED, 2020.

A dimensão cotidiana do cuidado na educação de bebês e crianças: relatos de experiência

Os relatos a seguir explicitam, com exemplos práticos do cotidiano, os aspectos discutidos no decorrer deste volume. No relato da professora Marcela Juliana Chanan, do CEI Cidade Pedro José Nunes - DRE São Miguel Paulista, podemos perceber o quanto o cuidado permeia as ações cotidianas e quais situações aparentemente ordinárias, por exemplo, uma troca de fralda, são fundamentais para o fortalecimento de vínculos, para trocas, escutas e construção da participação e do protagonismo infantil.

No segundo relato, as professoras Ana Carolina Campos, Fernanda Ferreira Furtado e Francisca Ribeiro Rainha, do CEMEI Iraparã - DRE Butantã, nos falam da importância da previsibilidade e a estabilidade da rotina, assim como o olhar atento e sensível e um planejamento baseado na escuta dos bebês pode fazer toda a diferença para a criação e sustentação de um cotidiano baseado no acolhimento como gesto de cuidado.

Temos ainda o relato das ações de cuidado em uma EMEI, escritos pela Diretora Angela e a Assistente de Direção Daniela.

Ambos os relatos evidenciam ainda o quanto o cuidado passa pela observação, escuta e busca constante pelo respeito ao ritmo e tempos dos bebês e das crianças. O cuidado exige tempo: tempo para conhecer o outro, suas necessidades, seus desejos, suas vontades, para criação de afetos e vínculos duradouros. A escuta como gesto de cuidado nos coloca contra a aceleração da vida. E é exatamente sobre isso que o terceiro e último relato,

escrito por Rodrigo Carancho (Escola Aberta do Cuidado), trata: o cuidado como ato de resistência contra a aceleração da vida e em íntima relação com a dignidade humana.

Relatos de experiência

A qualificação das relações de cuidado entre os bebês e o adulto referência: escuta e participação

Marcela Juliana Chanan, Profa. Educação Infantil.
CEI Cidade Pedro José Nunes - DRE MP

O Berçário II da Unidade é composto por três agrupamentos (A, B e C), totalizando 26 bebês em uma única sala de referência com três professoras por período, ou seja, seis adultos. No início do ano letivo, sugeri às minhas parceiras do período da tarde que adotássemos o sistema de cada uma ser o adulto de referência da sua turma para qualificação das relações de cuidado. Assim, seria possível um acompanhamento aprofundado de cada bebê e suas particularidades, fortalecendo a construção de um vínculo afetivo seguro e confiante a partir de cuidados diários com continuidade e estabilidade, principalmente na troca de fraldas, além da construção da relação com as famílias, garantindo a efetivação dos direitos fundamentais dos bebês e das crianças pequenas, potencializando o desenvolvimento infantil. Tal escolha também favorece a observação mais apurada, a escuta atenta e o foco do registro das aprendizagens. Vale citar que ofertamos um atendimento de qualidade a todos os bebês e suas famílias, sem divisão rígida, pois um agrupamento tão numeroso necessita de estratégias flexíveis e parceria entre as professoras para que o trabalho se desenvolva de forma alinhada e sustentável.

A troca de fraldas é um momento privilegiado de interação adulto-criança, de atenção individual e de cuidado com a saúde física, emocional e cognitiva, portanto permeado pela comunicação, expressão, participação e escuta. Essas ações implicam na constituição da identidade de cada bebê, ou seja, no desenvolvimento da consciência corporal, do cuidado de si, da autoestima (gostar do seu corpo e da sua aparência) e da autonomia. Por isso é importante conhecer, acolher, respeitar e apoiar o percurso individual do bebê, a partir de suas iniciativas e manifestações diante das perguntas, convites e interações com a professora de referência. Os cuidados diários são experiências de humanização, de sentir-se importante e único.

O processo de aprendizagem e desenvolvimento acontece durante todo o ano, e a participação neste momento é progressiva, sem receita, sem roteiro, e sim depende de como cada bebê interage e se envolve nos cuidados corporais junto com a professora de forma individual e singular. A troca de fraldas não tem horário fixo, acontece de acordo com a necessidade de cada um, porém, com as observações, torna-se mais previsível.

Minha comunicação começa assim que eles acordam, olhos nos olhos, dou um sorriso e digo boa tarde. Para os que se ausentaram digo que estou feliz em vê-los, estava com saudade, que bom que voltaram e eles me devolvem sorrisos e abraços. Assim que levantam, ajudo a colocar os calçados e peço licença para verificar como está a fralda, se necessário, aviso que vamos trocá-la, pego o bebê no colo e o levo para o fraldário, alcanço a mochila pendurada e narro minha ação até chegarmos ao trocador que já está previamente organizado. Antes de tirar a roupa comunico (com a fala, o olhar, os gestos, a expressão facial, o toque) o que vai acontecer e assim sigo com as demais ações, convido-o a segurar a fralda seca ou a pomada, alguns levantam os quadris para colocar a fralda e comento sobre essa iniciativa autônoma. Continuo a conversar sobre a fralda, o cheiro do lencinho umedecido, sua temperatura na higiene das partes íntimas e como essa higienização tem um toque sutil.

Ofereço tempo para o bebê responder, seja por um gesto, um balbúcio ou uma fala, um olhar, um movimento, um silêncio ou mesmo um choro, algumas vezes fazemos brincadeiras entre nós com o cheiro do lençinho, da fralda nova sequinha, cócegas na barriga ou no pé, canto uma música, um momento de construção da intimidade entre adulto-criança. É uma situação de interação, portanto não é um roteiro mecânico, é um diálogo real baseado na escuta verbal e não verbal do bebê, para isso é necessária uma disponibilidade relacional, intencional e ética por parte do adulto. Se há necessidade de troca de roupa, solicito ao bebê me ajudar a retirá-la, tirando um braço da camiseta, a perna da calça e o mesmo para vestir-se. Alguns respondem, outros vão aprendendo a participar. Convido, espero a resposta e se não vem, narro o que está acontecendo até que o bebê, por iniciativa própria, no seu tempo, o faça sozinho. A repetição, a previsibilidade das ações e essa interação adulto-criança contribui para a construção da autonomia.

Alguns bebês chegam sem gostar muito desse momento de troca de fraldas, se mostram chorosos, agitados, incomodados, mas, aos poucos, a relação é estabelecida, o vínculo se fortalece cada vez mais e é possível observar o prazer em participar dos cuidados com seu próprio corpo. O bebê percebe o quanto a professora pode ser sua companheira e viver essa parceria colaborativa com cumplicidade, continência e respeito mútuo concretizando o protagonismo infantil.

Conforme cada bebê responde a participação nesse momento, a professora vai encorajando novas ações, valorizando as conquistas e enriquecendo as experiências de aprendizagem durante as situações de cuidados de forma processual.

Com o passar dos meses, minhas ações foram ganhando novas camadas, no 2º semestre todos os bebês já estão andando com firmeza, então atualmente os chamo até o fraldário e eles vão com autonomia, alguns apontam a mochila para eu pegar, outros querem guardar a agenda, para os que não gostam que limpe o nariz, ofereço o lençinho umedecido para limpar-se, to-

dos gostam de me ajudar a passar pomada, tem bebê que aprendeu a abrir a fralda nova por iniciativa própria (talvez por me observar fazê-lo), todos gostam que eu mostre a roupa que será colocada, faço um comentário sobre ela e abrem um sorriso, outros têm interesse em escolher, também arrumo os cabelos, faço elogios sobre a aparência, solicito que se olhem no espelho da sala e eles se mostram muito alegres. Alguns bebês, além de me ajudarem direcionando braços e pernas na troca de roupa, também tentam colocá-las sozinhos .

Alguns dias, acontece de o bebê não querer realizar a troca quando o chamo, olha para mim, sorri e corre (desejando brincar comigo) ou mesmo balança a cabeça dizendo não. Quando essa situação acontece, dou um tempo maior para o bebê trocando outro ou vou até ele e digo que precisa trocar, que a fralda cheia pode machucar o bumbum (temos bebês mais sensíveis às assaduras) e levo no colo ou de mãos dadas, às vezes eles querem esse afago mesmo, uma atenção especial, um colo, e assim que os coloco no trocador e ao iniciar a troca já estão sorrindo e participando, salvo quando de fato algum bebê não está bem.

Nos dias mais corridos, por exemplo, quando planejamos brincadeiras com água, terra, tinta, que sujam toda a roupa e corpo ou quando no jantar os bebês se sujam muito e defecam mais vezes, a troca de fraldas acontece com tempo reduzido e nem sempre consigo passar por todas as ações que cada bebê já sabe que vai acontecer e percebo que eles sentem falta. Essa percepção aconteceu por uma observação/escuta sensível: certo dia, um bebê muito participativo me chamou a atenção, pois estava sendo mais ágil que o comum e passei a pomada nele sem oferecer, o mesmo levantou o dedo indicador como quem dissesse “Você não me deu a pomada!”. E assim eles seguem me avisando quando não faço alguma ação, me pedem ou mesmo pegam quando está ao alcance a fralda ou o lencinho se eu não fizer o convite, até levantam a camiseta para mostrar o barrigão e ganhar cócegas !

Quantas aprendizagens, quantos detalhes e ritmos diversificados! Cotidianamente são muitas oportunidades de conhecer a si mesmos, se sentir cuidados e expressar suas emoções, preferências, necessidades e desejos.

Estamos vivendo esse sistema com o adulto de referência pela primeira vez como uma prática experimental em nosso agrupamento no período da tarde. Essa estratégia tem sido positiva, percebo que impactou na qualidade da relação com os bebês conhecendo-os melhor, estabeleceu uma relação de maior proximidade com as famílias e colaborou com provocações para a equipe pedagógica que esteve reflexiva nos momentos de estudos coletivos sobre a possibilidade de essa prática ser adotada por toda Unidade.



O acolhimento como gesto de cuidado: os direitos dos bebês no processo de acolhimento

Ana Carolina Campos, Fernanda Ferreira Furtado e
Francisca Ribeiro Rainha, Profas. Educação Infantil.
CEMEI Iraparã - DRE Butantã

O acolhimento é reconhecidamente um valor⁷ desta Unidade Educacional desde seu início, em 2017. Está expresso no PPP o direito de os bebês e as crianças terem um familiar ou um cuidador acompanhando-o no seu ingresso e sempre que necessário.

Embora tivéssemos o mais importante, o direito do bebê e das crianças garantido, foi a partir das nossas vivências que observamos que algumas das nossas práticas não favoreciam ou infringiam algum direito dos bebês e das crianças. Por exemplo, as famílias escolhiam o período que preferiam para estar na UE com seus bebês. Permaneciam com eles durante dois ou três dias em horário reduzido, e então invertíamos o período, ou seja, se o bebê estava vindo pela manhã, passava a vir no período da tarde, ainda acompanhado de um dos seus familiares ou cuidador por mais dois ou três dias.

Observamos com essa prática que, quando os bebês começavam a ganhar ritmo e entender como era o cotidiano neste ambiente, interrompíamos o processo, apresentando novos adultos e um novo cotidiano. Para a maioria dos bebês essa mudança de horário funcionava como um novo começo, desestruturando as rotinas de sono e alimentação que já estavam estabelecidas e que, muitas vezes, aconteciam em outros horários em suas casas.

Passamos a entender que o melhor para manter a previsibilidade e a estabilidade tão importante para a sensação de segurança dos bebês seria iniciar o acolhimento em um período (manhã ou tarde) e aumentar gra-



Fotos: SNECOPEDINIEL/2024

7 O acolhimento como ação permanente em todas as Unidades Educacionais é discutido no Currículo da Cidade: Educação Infantil (2019).

dualmente seu tempo de permanência na UE, até que passassem a frequentar em período integral.

O processo de acolhimento passou a acontecer no Berçário desta nova maneira. Sugerimos que algum familiar também viesse para o acolhimento no contraturno, permanecendo com o bebê na Unidade Educacional por algumas horas, e eles aderiram de acordo com sua possibilidade.

Apesar desta dificuldade dos familiares em se organizar nas suas rotinas, percebemos que para os bebês a inserção no período contrário acontecia mais tranquilamente, pois já havia uma familiaridade com o ambiente, e com o cotidiano, visto que, diferente do modelo anterior, o aumento de horário de permanência na UE era feito respeitando os sinais e as particularidades de cada bebê, e não seguindo um prazo preestabelecido para todos os bebês.

Em 2022, sentimos a necessidade de sistematizar observações e práticas que fomos elaborando ao longo desses anos, e assim estabelecemos o objetivo de melhorar a comunicação com as famílias sobre como acontece o Processo de Acolhimento em nossa Unidade. Assim, fizemos um fluxograma com o intuito de que as famílias pudessem visualizar todo o ciclo deste processo.



Foto: Ana Carolina Campos Ovadia

- **FASE 1** - Bebê permanece com um familiar de referência.
Horário reduzido (3 horas na UE)
- **FASE 2** - Bebê despede-se da família e fica na UE com as professoras.
Horário reduzido (3 horas na UE)
- **FASE 3** - Bebê despede-se da família e fica na UE com as professoras.
Horário reduzido (meio período - 5 horas).
- **FASE 4** - Bebê demonstra estar seguro durante meio período.
Extensão de horário para período contrário com presença de um familiar de referência por 1 hora.
Horário: meio período + 1 hora
- **FASE 5** - Bebê continua seguro durante meio período.
Extensão de horário para período contrário com presença de um familiar incluindo o horário de uma refeição.
Horário: meio período + 3 horas (chega no horário do almoço ou vai embora após refeição da tarde).
- **FASE 6** - Bebê despede-se da família e fica na UE com as professoras.
Horário reduzido: chega às 10h ou sai às 15h30
- **FASE 7** - Bebê demonstra estar seguro e passa a frequentar a UE em período integral.

Publicizamos o fluxograma no corredor da sala de referência, nas reuniões com as famílias e sempre que uma família nova ingressa, explicamos como se dá esse processo.

É importante salientar que entendemos que o processo de acolhimento não é linear e fazemos questão de informar as famílias sobre isso. A cada mudança de fase, é possível que existam regressões e o bebê demonstre algumas mudanças de comportamento. Da mesma maneira, quando o bebê precisa se ausentar por estar doente, ou qualquer outro motivo, sabemos que, no retorno, será necessário um

novo acolhimento, embora o vínculo já construído mantenha-se, é possível que o bebê chore mais ou sinta-se inseguro.

A base para a elaboração das fases do fluxograma foi uma reflexão sobre as linguagens de expressão dos bebês. Quando pensamos em inserção na UE, por vezes relacionamos o bem-estar ao fato de o bebê não chorar, sem considerarmos gestos, olhares, tensão corporal, isolamento, se o bebê brinca, alimenta-se, dorme. Formulamos algumas perguntas para guiar nossa observação e escuta, e avaliarmos se o bebê está pronto para uma nova etapa no processo de acolhimento:

- **o bebê aceita ser confortado por alguma das professoras/educadoras? O bebê alimenta-se? O bebê dorme? O bebê aceita ser tocado e trocado por alguma das professoras/educadoras? O bebê demonstra estar confortável na sala de referência? O corpo do bebê demonstra rigidez muscular? O bebê brinca?**

Outro ponto relevante foi que o processo tornou-se menos subjetivo, com as perguntas que podem ser respondidas pelos diferentes atores envolvidos e informações à família sobre os critérios de observação para a mudança de fase.

Todas as fases do Processo de Acolhimento têm sua devida importância para que o processo aconteça consistentemente. Na primeira fase, por exemplo, é o momento que aproveitamos para conhecer profundamente o bebê através do seu adulto (familiar ou cuidador). Os meios que usamos para isso são, a princípio, observar o adulto que o acompanha nos momentos de cuidado, trocas de fraldas, alimentação e como costuma fazer suas sonecas. Outra ação que fazemos nestes dias que o adulto está acompanhando o bebê é preencher uma ficha de anamnese detalhada sobre o bebê e sua família. Nela nos aprofundamos nas questões de saúde, sobre como é o banho em casa, a alimentação e outros costumes que a família julgue interessante nos contar. Também aproveitamos

para ouvir a família e orientar sobre a continuidade do aleitamento materno e Introdução Alimentar. Durante as primeiras fases do acolhimento também observamos com qual educadora o bebê mais se identifica para darmos início a uma aproximação, respeitando a escolha do adulto referência do bebê.

Outra estratégia que temos usado e tem trazido bons resultados é ajudar os familiares/cuidadores a sentirem-se úteis durante o Processo de Acolhimento. Na roda de música, perguntamos qual a música que o bebê mais gosta de ouvir, cantamos juntos e recorremos a essa música para um momento de aconchego e vínculo com o bebê. Como parte da construção da nossa carta de intenções de 2023, nos primeiros momentos de separação entre bebê e familiar/cuidador, convidamos os adultos a bordarem, ou aprenderem a bordar, algumas letras em um pano que havia previamente sido pintado com tinta de terra pelos bebês.

O Processo de Acolhimento como um todo é uma importante ferramenta para criarmos vínculo e confiança, não somente com o bebê, mas também com familiares e cuidadores. Esse tempo que o familiar ou cuidador está presente na UE com o bebê permite que conheça sobre o cotidiano que seu bebê irá vivenciar, assim como nossa concepção de infância. Nessas vivências, temos observado que a família que participa desse processo completo tem mais confiança no nosso trabalho e entende que prezamos pela transparência e parceria com as famílias dos bebês.

Além de um melhor entendimento, a sistematização dessa prática demonstra à comunidade escolar como um todo que o Processo de Acolhimento é respeitoso, cuidadoso, estudado e refletido pelos profissionais desta UE, trazendo mais confiança e credibilidade ao processo.

Por fim, temos observado que o bebê participante desse Processo de Acolhimento é mais frequente, constrói vínculo seguro com suas professoras, demonstra segurança nos diferentes ambientes da UE e nas diferentes vivências, o que contribui positivamente para seu desenvolvimento integral.



Fotos: Francisca Vanderlucia Ribeiro Rainha

Escuta, educação e dignidade: A escuta contra a aceleração da vida

Rodrigo Carancho,
Fundador Escola Aberta do Cuidado



Cuidado contra a aceleração da vida

Desde as primeiras experiências sociais de nossa espécie, o cuidado esteve presente, ora como o elo forte da cooperação, característica fundamental da evolução do *Homo Sapiens*, ora como elemento de conservação da vida. Seja na busca por alimento, no acolhimento aos enfermos, na proteção contra intempéries ou na dedicação às crianças, o cuidado estava lá. **Chegamos até aqui porque aprendemos a cuidar.**

Hoje em dia não é diferente. **O cuidado segue como ponto de sustentação da vida.** Muito embora esteja inserido em um contexto de *crise sistêmica*, em que o modo de vida ligado à aceleração e à produtividade leva a padrões extremos de cansaço e exaustão, nos falta tempo, e quando por ocasião ele sobra, já estamos exauridos pelo excesso de informação, pelo traba-

lho, pelo trânsito etc. Neste contexto, em que o cuidado é posto em segundo plano, a(s) infância(s) paga(m) um alto preço.

No entanto, há um ponto fundamental presente nesta crise que é a escuta. **A escuta é uma espécie de tradução do cuidado** e tal qual sempre esteve presente em nossa história. Os povos originários ameríndios e africanos, por exemplo, elevaram suas culturas e modos de existir a partir da tradição oral e da palavra não escrita. Justo por ter na oralidade o seu fundamento, são **culturas** profundamente **ligadas à escuta da vida**, da terra e do infinito do tempo. Já nos grandes centros, tomados pelo relógio que multiplica sua velocidade, andamos a ouvir os sons, as vozes, as informações, as instruções, os diálogos, mas não escutamos. Seguimos nossas rotinas olhando sem ver, ouvindo sem escutar. Como podemos escutar as crianças em um ritmo como este? **Estamos preocupados em educá-las, mas as escutamos?**

A escuta é uma prova de vida, um caminho para o cuidado e a dignidade. A criança, este ser recém-chegado ao mundo, precisa de alguém que lhe apresente o curso do tempo, as curvas da existência e a complexidade do existir. **Escutar a criança é lhe dar dignidade, compreensão do próprio valor.** É abrir, com senso de hospitalidade, as portas da experiência da vida como quem diz “Pode entrar, aqui também é sua casa”. **Escutar é educar em tempo real e não para o futuro.** Uma criança que forma vínculos fortes com seus educadores e suas testemunhas de vida, ou seja, um bebê e uma criança que foi escutada, cresce mais preparada para as oscilações do viver e aberta tanto para seus momentos alegres quanto para os momentos mais duros que chegam para todas as pessoas, cedo ou tarde. Desafio complexo e, por isto, vale o alerta para não transformarmos a escuta em uma tarefa estreita e superficial. A escuta, bem como o vínculo, não se adapta a protocolos. Escutar alguém é caminhar juntos e caminhar se aprende caminhando.

Em época de informação mediada digitalmente, proponho a escuta, esta metáfora analógica, como um antídoto contra um tempo tão acelerado. Entre tantos aspectos que nos trouxeram até aqui, **o cuidado é um dos mais relevantes** e sem ele a caminhada desta complexa espécie, neste complexo planeta perdido na imensidão escura do universo, se mingua ao pó.

Relatos de Ações de Cuidado

Angela - Diretora, Daniela - Assistente da Diretora
Tatiana e Marluce - Coordenadoras Pedagógicas
EMEI Mário Beni - DRE-G

Desde o início da nossa gestão na Unidade, elaboramos um Plano de Trabalho compartilhado entre a equipe gestora e os demais membros da comunidade escolar. Na nossa EMEI, consideramos que as ações de cuidado em relação às crianças são de grande importância e estão presentes de maneira transversal no cotidiano. Diante da percepção de necessidades das crianças, refletimos e organizamos algumas maneiras de atender e cuidar dessas necessidades.

Em 2023, foram realizados encontros com cada grupo de trabalho: gestores, docentes, equipe de apoio, pais por meio do conselho de escola, e as nossas crianças, por meio do nosso conselho mirim, assim registrando suas falas, desejos e sonhos, pensando em uma escola que queremos viver, todos os dias.

Nas rodas de conversa que fizemos, apareceram falas como “minha escola não é colorida”, “ahh queria um espaço com flores e borboletas”, “queremos uma quadra pra jogar bola”, “queremos plantar cenoura”, “vamos fazer uma trilha?” “precisa de mais triciclos”, “queremos uma pista de carros”, “aqui não tem grama verdinha”, “queria uma piscina aqui”, “nossas bolas são velhas”. Colocamos as ações indicadas pelas crianças no Plano Anual de Atividades, planejamos este plano orçamentário e criamos um cronograma de revitalizações de cada espaço coletivo da Unidade.

O PEA de 2023 também teve como tema: “Espaços e Materialidades, através da escuta das crianças”. Investimos na organização de espaços acolhedores para todas as crianças. Dentre as nossas ações, iniciamos a organização de um espaço com propostas simultâneas e com materiais acessíveis às crianças para que possam elaborar suas brincadeiras.

Além desse processo, refletimos e qualificamos os momentos de refeição das crianças, ao organizar mesas com vasos de flores e temperos, deixamos colchões disponíveis em uma sala de recursos pedagógicos para que sejam ofertados para as nossas crianças na hora que precisam de um descanso, na sala ou no espaço em que estiverem. Inicialmente, pedimos para as famílias enviarem garrafinhas individuais para o uso da criança, porém era grande o número de crianças que não podiam trazer. Então, organizamos a oferta de água em copos, que ficam disponíveis ao lado do filtro, junto com uma bacia para os de higienização, para que possam beber quando sentirem necessidade. Demos uma especial atenção para as situações de interação entre as crianças, valorizando as interações respeitosas entre elas e a mediação dos conflitos quando acontecem.

Em uma das nossas turmas, está presente uma criança com deficiência física e que faz uso de cadeira de rodas. A Unidade Educacional possui toda a estrutura de acessibilidade, com rampas de acesso na entrada, nas salas de referência. Nos espaços revitalizados da Unidade houve adequações, como na área de piquenique, espaço horta e quintal. As crianças estão sempre prontas a ajudar no seu deslocamento, auxiliando com a cadeira de um espaço para outro, levam brinquedos e materiais até a mesa para que ela possa brincar e, na hora da refeição, compartilha o espaço junto com as crianças, que gostam de ficar próximos a ela. Cuidamos para que o momento do brincar seja dinâmico e acessível para todos.

Para chegarmos a tais ações, foi necessária uma observação atenta e diária das crianças, a partir daí, discussões em horários coletivos de formação e Reuniões Pedagógicas. A região onde está nossa Unidade Educacional é de alta vulnerabilidade. Há crianças que não têm acesso ao básico, necessitando do espaço e tudo que, ele proporciona, sendo assim, pensamos em ter um local que além de acolhidas, as crianças fiquem seguras, confortáveis, alimentadas, onde possam brincar, explorar, se conhecer, se expressar, conviver com os seus pares e viver plenamente as suas infâncias.

A EMEI Deputado Mário Beni prima pelo cuidado no sentido amplo da palavra, estendendo-o para as famílias. Nesse processo, as famílias puderam acompanhar a revitalização dos espaços, conhecer as necessidades da unidade, receber devolutivas dos trabalhos que estão sendo realizados. Queríamos ver a nossa Unidade aberta para as famílias. Além dos colegiados, criamos encontros para partilha das práticas e celebrações, como o Sarau Serelepe, em parceria com a Casa de Cultura, a Festa da Família com o Teatro do Boi Bike e Cortejo, e o Sábado em Família, para Acompanhamento das Aprendizagens e Frequência das Crianças.

Além disso, a Busca Ativa é algo que levamos muito a sério. Buscamos compreender os motivos pelos quais algumas crianças faltam com frequência, fazemos articulação com os serviços da rede de proteção social e damos todo apoio possível para garantir que essas crianças tenham o direito de frequentar a Unidade. Contamos também com uma planilha online, um instrumento de trabalho compartilhado entre Agente de Busca Ativa – ABAE, Secretaria e a Gestão Escolar. Após o contato com a família, são realizados os registros das ausências, quais responsáveis que encontramos e as suas justificativas, assim as informações são atualizadas a todo momento e compartilhadas com todos da Unidade. Utilizamos a tecnologia para nos ajudar com a agilidade nas informações.

Todo projeto desenvolvido, inclusive a recuperação de espaços na Unidade, levaram em conta todos esses fatores. Aqui temos uma máxima: “tudo primeiro para nossas crianças”. É gratificante vê-as felizes, sentindo-se bem nos espaços. Queremos evidenciar a preocupação com o bem-estar das crianças, o respeito em ouvi-las, proporcionando um ambiente educativo que leva em conta a integralidade das dimensões de suas vidas e garante os seus direitos fundamentais.

Para saber mais

Selvagem – ciclo de estudos sobre a vida

Cadernos com textos para baixar, vídeos e materiais diversos que nos ajudam a ampliar a noção de cuidado para com todos os seres e o planeta.

Disponível em: <https://selvagemciclo.com.br/>

Escola Aberta do Cuidado

Textos e materiais para reflexão sobre o cuidado para o Brasil profundo.

Disponível em: <https://www.eacbrasil.com/>

Documentário “Pisar suavemente na Terra”

Direção e Produção: Marcos Colón

Roteiro: Marcos Colón & Bruno Malheiro

Com Katia Silene Akrätikatêjê, Manoel Munduruku, José Manuyama e Ailton Krenak

Filmado: Brasil, Peru e Colômbia / 2022

Coprodução: Amazônia Latitude Films

Duração: 73min. Ano: 2022

Disponível em: <https://youtu.be/HmLzXvJ9crg>

Vídeo Caminhos do Cuidado: cuidado, escuta e dignidade no Brasil profundo.

No vídeo você pode refletir sobre o papel do cuidado no Brasil profundo e o cuidado como um modo de resistência da vida.

Roteiro e narração: Rodrigo Carancho. Duração: 1min12s.

Disponível em: <https://www.eacbrasil.com/>

Protagonismo dos bebês

FALK, J. (org.). **Educar os três primeiros anos: a experiência de Loczy**. Araraquara: Junqueira e Marin, 2010.

MELLO, S. A. Os bebês como sujeitos de seu cuidado e educação. **MAGISTÉRIO: o aluno**. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação, n. 3, p. 46-53, 2014.

**Foi muito bom ter você
nesse percurso reflexivo,
nos vemos no volume 9!**

Até lá!



Referências

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano: compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BOFF, Leonardo. O cuidado essencial: princípio de um novo ethos. **Inclusão Social**, v. 1, n. 1, 2005. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1503> . Acesso em: 15 ago. 2024

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília; DF: MEC/SEB, 2010.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano**: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GUATARRI, F. **Revolução molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**: parte I. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1989. p. 243-300.

MAGISTÉRIO. São Paulo: SME/DOT, edição especial n. 2, 2015. Disponível em: <https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/acervo/revista-magisterio-80-anos-da-educacao-infantil-ed-especial/> . Acesso em: 15 ago. 2024.

MAGISTÉRIO. São Paulo: SME/COPED, edição especial n. 3, 2017. Disponível em: <https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/acervo/revista-magisterio-das-creches-aos-ceis-ed-especial/>. Acesso em: 15 ago. 2024.

MAGISTÉRIO. São Paulo: SME/COPED, n. 6, 2019. Disponível em: <https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/acervo/revista-magisterio-n-6-ceci/>. Acesso em: 15 ago. 2024.

MONTENEGRO, Thereza. Educação infantil: a dimensão moral da função de cuidar. **Psic. da Ed.**, São Paulo, n. 20, p. 77-101, 2005.

MONTENEGRO, Thereza. **O cuidado e a formação moral na Educação Infantil**. São Paulo: EDUC, 2001.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Orientação normativa nº 01: avaliação na educação infantil**: aprimorando os olhares. São Paulo: SME/DOT, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/acervo/orientacao-normativa-no-01-avaliacao-na-educacao-infantil-aprimorando-os-olhares/>. Acesso em: 15 ago. 2024.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Padrões básicos de qualidade da Educação Infantil Paulista**: orientação normativa nº 01/2015. São Paulo: SME/DOT, 2015. Disponível em: <https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/acervo/padroes-basicos-de-qualidade-na-educacao-infantil-paulistana-orientacao-normativa-no-01-2015/>. Acesso em: 15 ago. 2024.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulista**. São Paulo: SME/DOT, 2016. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/Portals/1/Files/25101.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2024.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Conhecer para proteger**: enfrentando a violência contra bebês, crianças e adolescentes. São Paulo: SME/ COPED, 2020.

TIRIBA, Lea. **Educação Infantil como direito e alegria**. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

Anexo

A fábula-mito de Higino, o mito do Cuidado

Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma idéia inspirada. Tomou um pouco de barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu Júpiter. Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado. Quando, porém, Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome. Enquanto Júpiter e o Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a Terra. Quis também ela conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da terra. Originou-se então uma discussão generalizada. De comum acordo, pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu justa: – Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura. Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer. Mas como você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver. E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada Homem, isto é, feita de húmus, que significa terra fértil.

Fonte: BOFF, L. Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

PROJETO GRÁFICO - CENTRO DE MULTIMEIOS

Ana Rita da Costa - *Diretora*

Núcleo de Criação de Arte

Aline Frederick Santos

Angélica Dadario - *projeto e diagramação*

Cassiana Paula Cominato

Fernanda Gomes Pacelli

Marcos Roberto da Silva Moreira

Simone Porfirio Mascarenhas

Revisão Textual

Roberta Cristina Torres da Silva



Qualquer parte desta publicação poderá ser compartilhada (cópia e redistribuição do material em qualquer suporte ou formato) e adaptada (remix, transformação e criação a partir do material para fins não comerciais), desde que seja atribuído crédito apropriadamente, indicando quais mudanças foram feitas na obra. Direitos de imagem, de privacidade ou direitos morais podem limitar o uso do material, pois necessitam de autorizações para o uso pretendido.

A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, em conformidade de à Lei nº 9.610/1998, reconhece a especial proteção aos direitos autorais, mediante autorização prévia e expressa do detentor da obra. No caso de eventuais desconformidades, reitera o compromisso de diligentemente corrigir inadequações. Consulte material disponibilizado em: educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br

Publicação disponível no Centro de Documentação
da Educação Paulistana
educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/cdep



CIDADE DE
SÃO PAULO
EDUCAÇÃO